



Francisco Franco da Rocha (1864-1933)



Durval B. Marcondes (1899-1981)

O ESTADO DE S. PAULO - Quinta-feira, 20 de Março de 1919

<p>PSYCHIATRIA</p> <p>DO DELIRIO EM GERAL</p> <p>(Prelucção de abertura de Curso de Clínica psiquiátrica, em 1919, na Faculdade de Medicina de S. Paulo)</p>	<p>dormindo. Nas suas visões brumosas eles avistam pedaços do céu e estremeçam ao despertar, vendo que estiveram por instantes à beira do grande segredo...</p> <p>Não tenho necessidade de documentar aqui a existência do nevrosmo e, às vezes, do instinto culminoso dos grandes artistas e poetas. O livro de Paul de Saint-Victor, "Hommes et Dieux" — bem como o de Lombroso — "O Homem de Genio" — são magníficos e instructivos do que todos os exemplos que eu pude apresentar.</p> <p>Stekel, depois de analysar os do-</p>	<p>procurar a origem dos delirios no mesmo terreno em que elle encontrou as raizes do crime e das proezas místicas. Esse terreno é o inconsciente e o subconsciente. Ahi se encontra, como sentimento vago, o generico, não sómente o resíduo da experiência individual (sua redução emocional) que se vai accumulando desde a infancia, mas as alibercas da personalidade, cada uma quando se tornam ligadas ás respectivas representações intellectuaes, como também se acham os sentimentos que se foram em gerações passadas.</p> <p>Os estudos de Abramowski, ao procurar a origem dos delirios no mesmo terreno em que elle encontrou as raizes do crime e das proezas místicas. Esse terreno é o inconsciente e o subconsciente. Ahi se encontra, como sentimento vago, o generico, não sómente o resíduo da experiência individual (sua redução emocional) que se vai accumulando desde a infancia, mas as alibercas da personalidade, cada uma quando se tornam ligadas ás respectivas representações intellectuaes, como também se acham os sentimentos que se foram em gerações passadas.</p> <p>Os estudos de Abramowski, ao procurar a origem dos delirios no mesmo terreno em que elle encontrou as raizes do crime e das proezas místicas. Esse terreno é o inconsciente e o subconsciente. Ahi se encontra, como sentimento vago, o generico, não sómente o resíduo da experiência individual (sua redução emocional) que se vai accumulando desde a infancia, mas as alibercas da personalidade, cada uma quando se tornam ligadas ás respectivas representações intellectuaes, como também se acham os sentimentos que se foram em gerações passadas.</p>	<p>da viuva que, deseja ser-se com seu proprio conselho na vez desta claramento de que he la na alma que, casa-te com elle, pois de ter levado mi com as idéas mudada: ouvir o sino. Viu ent ganara. O sino dizia e te cases tal, não te Ah! está um exem: mas de origem psychi Assim vemos que o protativo está para o</p>
--	---	---	---

TRANSCRIÇÕES

DO DELÍRIO EM GERAL

F. Franco da Rocha

Preleção de abertura do Curso de Clínica Psiquiátrica, em 1919, na Faculdade de Medicina de São Paulo.

* * *

A aula aqui reproduzida foi publicada no jornal "O Estado de São Paulo" de 20 de março de 1919. Inspirada em grande parte na Psicanálise, representa provavelmente o primeiro passo na introdução das idéias de Freud no ensino médico brasileiro. Tendo em vista sua significação histórica e seu valor como documento representativo do pensamento científico de uma época, a direção desta Revista resolveu transcrevê-la na íntegra, atualizando porém a ortografia por motivos de ordem técnica.

Que é delírio?

A linguagem comum envolve nesse nome uma infinidade de fenômenos mórbidos da esfera psíquica, alguns dos quais chegam a confundir-se por insensíveis transições com os fenômenos normais. Definir delírio é por isso uma escabrosa tarefa. Só se pode responder em termos mui genéricos:

Delírio é a atividade psíquica desviada do normal em virtude da afecção do cérebro. Literalmente a palavra "delirar" significa desviar-se da trilha.

Se não delimitássemos o delírio pela condição da afecção do cérebro, teríamos incluído aí o sonho. Este vai-nos servir, entretanto, de fenômeno de transição. Nem pode deixar de ser assim, pois delírios há que, sem diferença apreciável, se confundem com os sonhos, tais os que aparecem nas intoxicações agudas, por exemplo, e nas graves perexias. É tão palpável a analogia, nesses

casos, que a denominação delírio "onírico" (do grego: "oneiros" — sonho) é hoje corrente em patologia mental. Esse nome é uma criação do prof. Regis.

A analogia não é aparente e superficial: é bem mais profunda e o sono é um descanso reparador para o organismo em estado de esgotamento e, portanto, de auto-intoxicação, embora mui leve. O sonho é um estado alucinatório, exatamente como delírio sensorial ou confusão mental alucinatória das intoxicações.

O sonho versa freqüentemente sobre assuntos que preocupam o indivíduo na vida diária, isto é, sobre complexos ideo-afetivos conscientes da vigília. Outras vezes o conteúdo do sonho surge das profundezas do subconsciente e do inconsciente; é função da criptomnésia.

No delírio das intoxicações o mesmo fato se dá: aparecem, embora fragmentados, o delírio profissional e os pensamentos que em vigília andam ocultos, pôsto que conscientes. Um dos meus pacientes, em estado de confusão mental alucinatória, falava com a própria esposa e, certo de que estava conversando com a sua amante, dava a esta o apelido carinhoso com que a tratava e pelo qual era conhecida. Verdadeira cena para comédia... ou tragédia, conforme o temperamento dos personagens.

O delírio onírico ou delírio sensorial é todo êle constituído de alucinações. O sonho também o é. Este, porém, limita-se mais vezes às alucinações visuais e auditivas; não raro, às sensações corpóreas agradáveis ou penosas. Bem mais escassas são as alucinações dos outros sentidos: paladar e olfato.

No delírio sensorial, ao contrário, são freqüentes as acumulações alucinatórias.

No belo romance de Canto e Mello "*Alma em Delírio*" encontra-se a mais perfeita descrição que conheço de delírio sensorial tóxico.

A diferença entre esse estado e o sonho é pequena, mas é, no entanto, a que vai do estado quase normal ao patológico, no qual se dá um processo francamente mórbido.

O sono cessa quando o indivíduo desperta. O delírio sensorial cessa por vezes, quando se estimula fortemente o doente: êste também como que acorda, mas só tem clarões fugazes de estado normal e cai de novo no delírio.

Num e noutro estado dá-se um afrouxamento da síntese psíquica constitutiva da personalidade secundária, isto é, da que se forma de acôrdo com o meio social. Realiza-se uma dissociação dos centros cerebrais, em virtude da qual a atividade psíquica

automática inferior ganha certa autonomia e se exerce independentemente dos centros corticais superiores. No sonho o fenômeno é fugaz; no delírio sensorial a perturbação só dura enquanto existe a auto-intoxicação, se esta não fôr bastante intensa, ao ponto de destruir as células do córtex cerebral e as fibras de associação dos centros cerebrais. Neste último caso não se trata de afrouxamento da síntese psíquica, mas sim de alterações perenes.

A alucinação, de que tanto temos falado, é uma imagem representativa por demais intensa que, desgarrada da síntese associativa consciente, reflui ou retrocede aos centros perceptivos, de modo a tornar-se percepção sem objeto. O fenômeno é muitíssimo complexo para que se possa abrangê-lo numa definição. Digamos, por enquanto, com quase todos os alienistas: "é uma percepção sem objeto". Na loucura podem existir alucinações relativas a tôdas as formas de sensibilidade.

Esse fenômeno resulta de um estado de erotismo ou de irritação dos centros sensoriais e representativos do córtex cerebral.

Nem todo alucinado é louco; nem todo louco é alucinado.

Difícilmente se consegue convencer os leigos, mesmo instruídos, de que há loucos não-alucinados, assim como existem alucinados que não são loucos. Uma de minhas doentes, já falecida, via de quando em quando um homem que para ela avançava com as mãos em garra, para esganá-la; no momento preciso em que ia ser agarrada pelo pescoço, perdia os sentidos, caía em ataque histérico. Sabia que aquilo era uma visão alucinatória; não era uma louca.

Outros alienistas mencionam observações semelhantes, o que prova não ser o fato uma raridade. Além disso, são conhecidos os casos de alucinações voluntárias, como a de Goethe e de outros grandes artistas, pintores, escritores etc.

Por outro lado, loucos há — e dos piores — que não revelam alucinações; deliram sem esse elemento e assim não é êle essencial, mas sim acessório que, orientado pelo delírio, vem dar a êste um ponto de apoio e reforçar o sistema delirante, como bom filho que não raro sustenta o próprio pai.

A origem dos delírios coerentes, sistematizados, não está, portanto, nas alucinações; está no complexo ideo-afetivo, egocêntrico, dominante na personalidade do indivíduo, complexo êsse que por sua vez nasce do defeito ou da má constituição do órgão psíquico.

Os desejos, as tendências, os amôres, o sentimento de medo, os instintos, enfim, de conservação individual e da espécie, entram com seus complexos afetivos na constituição da personalidade. No estado normal, nos meios civilizados, um desses complexos — o

sexual — apresenta-se sempre exageradamente preponderante. Não fôsse o homem, como lá diz o grande poeta, no *Sonho Póstumo*:

“Corpo que veio de uma explosão de desejo
Encantado produto
De uma noite de amor, e que saiu de um beijo
Como, da flor, o fruto.”

Na sociedade civilizada as condições da vida permitem que grande parte da atividade destinada à conservação individual se desvie para o complexo psíquico sexual. Fora dêsse meio o indivíduo tem que se defender ferozmente e prover à própria subsistência; para o instinto sexual não resta muito tempo e a atividade dêste limita-se a determinadas épocas. Não perece o instinto sexual, está bem visto; mas é limitado por outros igualmente exigentes.

No meio civilizado onde a luta pela conservação individual não é tão dura, não escapa ao mais superficial observador o formidável sexualismo que se irradia sôbre tôdas as manifestações de atividade psíquica. Tal fato não se oculta, pôsto que disfarçado (a escola de Freud prefere dizer “sublimado”), nas artes, na música, na moda, no romance, na religião, na política e, principalmente, na poesia. A linguagem simbólica não consegue esconder o fundo das coisas.

Leia a *Sonata a Kreutzer*, de Tolstoi, e lá se verá o que diz o grande escritor; músicas como essa sonata deviam ser reservadas para certas ocasiões muito solenes; não convêm para as reuniões mundanas. Entenda-se. Realmente, num salão cheio de mulheres decotadas, colos nus e perfumados, o “presto” de uma sonata de Beethoven é quanto basta para estontear a cabeça de uma pobre criatura humana...

Com o avançar da idade; à proporção que se vai atrofiando a base orgânica dêsse complexo psíquico, o indivíduo vai-se tornando mais severo na sua moral. Não raro aparecem os grandes arrependimentos:

“Entrega-se então a Deus o que nem o Diabo quer mais.”

Noutros casos, observa-se a renúncia do desejo de posse, em benefício do amor ao próximo, o afeto que mais aproxima o homem da felicidade.

Outras vêzes, ao contrário, aparece também na velhice uma excessiva preponderância do complexo psíquico sexual, embora se estabeleça mais na esfera puramente psíquica, idealista pura ou... mista. É como o clarão mais intenso de um círio prestes a extin-

guir-se. Num livro que se tornou celebre — “*A Idade Perigosa*” — faz a escritora Karin Michaelis um estudo sôbre a mulher, que o mais orgulhoso psicólogo de bom grado subscreveria. É uma psicanálise, uma verdadeira confissão. A literatura dêsse gênero, sôbre o homem, é superabundante.

Estamos fazendo esta ligeira digressão para mostrar a preponderância do complexo psíquico sexual sôbre todos os outros. São raros os casos de delírio sistematizado em cuja trama êsse complexo não toma parte importante, a dar-lhe o colorido erótico mesmo quando o seu conteúdo é religioso.

A própria vida em sociedade, entretanto, impõe forçosamente restrições ao instinto sexual e, portanto, o abafamento dêsse complexo.

A compreensão, porém, o torna mais exigente e o leva por vêzes a romper com estardalhaço o geralmente frágil aparelho inibidor que o contém. O crime passional, por amor, aí está para o demonstrar.

Estamos em pleno domínio das doutrinas de Freud. Longe demais iríamos se pretendêssemos entrar em detalhes que o assunto comporta mas que não cabem neste resumo.

W. Stekel, num interessante livro — “*Die Traume der Dichter*” — obra de psicologia filiada à escola de Freud, nos revela curiosíssimas conclusões a que chegara pela análise dos sonhos dos poetas e dos neuróticos.

O sonho nos dá a conhecer o que existe no inconsciente e no subconsciente. Para se chegar a êsse conhecimento, entretanto, faz-se mister minuciosa e hábil interpretação do seu simbolismo esotérico; sem isso o sonho nada diz. A meu ver, é exatamente essa interpretação, a onirocrítica, o ponto vulnerável das idéias de Stekel e de tôda a escola de Freud. O onirócrito tem diante de si múltiplas causas de êrro; para evitá-las faz-se mister muito bom senso, muito estudo e atenção.

Que são o inconsciente e o subconsciente?

Um acervo de heranças estratificadas na obra morta ou alicerce da mentalidade humana, ao qual se ajuntam as experiências da infância. É daí que surgem, como do célebre poço de Nurembergue, quando se agitam essas profundezas, os estranhos fantasmas flageladores da nossa pobre alma.

Tanto vale dizer isso como repetir as palavras de Taine sôbre a nossa vida subconsciente: “Do mundo que constitui nosso ser,

nós só percebemos os vértices, espécies de picos iluminados num continente cujas profundezas ficam na sombra." Deixemos, porém, as comparações literárias que não adiantam grande coisa.

No sonho, o inconsciente sobe para o lugar do consciente. O "eu" sensorial cede o lugar ao "eu" esplâncnico, diz Tissié (*"Les Rêves"*).

Stekel, em conclusão ao seu estudo psicológico dos sonhos, reúne o poeta, o neurótico e o criminoso por alguns traços fundamentais, instintivos, que lhes são comuns. São homens de instintos fortes. Dominam nêles imenso egoísmo e "incapacidade de amar".

A capacidade depende do grau de desprendimento a que podemos chegar, sacrificando o amor próprio para transformá-lo em amor ao próximo. O amor é um sentimento altruístico independente de "erotismo", embora com êste se possa ligar e formar um só complexo afetivo. Amar é, pois, temer pelos outros, sofrer com êles, sem o desejo de posse.

O criminoso, o neurótico e o poeta podem manifestar, portanto, excesso de virilidade, de erotismo, isso pouco importa; o que lhes falta é a capacidade de amar. Essa incapacidade age oculta-mente, do subconsciente, sôbre a mentalidade dessas criaturas e lhes dá uma intuição de inferioridade que perenemente as persegue.

O poeta, como o neurótico e o criminoso, é grande no desprezo pela humanidade, pequeno, porém, no amor. Existe nêle, por isso, um infinito anseio de amor que o impele sem cessar à busca dessa sombra fugitiva. O amor é idéia suprema que o poeta nunca atinge.

Todos êles têm um secreto "sonho de grandeza". Stekel chama êsse sonho de "a grande missão histórica". Perdem a vida de preferência a renunciá-lo. O sonho de grandeza do poeta (do artista em geral) o leva à produção das obras-primas, dessas maravilhas do pensamento que tanto nos encantam. Despreza a humanidade, mas precisa do aplauso repetido e da estima dos outros para manter elevado o sentimento hipertrofiado do próprio "Eu", seu único Deus, constantemente ameaçado de ruína por aquela intuição de inferioridade a que há pouco nos referimos.

O sonho de grandeza do criminoso, ora oculto, ora bem claro, revela-se por demais evidente no anarquista e no magnaticida. A egofilia, nestes não tendo derivação na arte, como sói acontecer com o poeta, expande-se nas ruidosas manifestações contra a moral vigente, contra a lei, contra tudo! Perguntem a Manso de Paiva qual foi o móvel de seu crime e êle dirá como Carlota

Corday, Ravailac, Louvel e tantos outros: fiz um bem à humanidade.

Os magnaticidas e regicidas são temperamentos místicos, criminosos em potencial, que só saem à luz do sol quando um certo meio social lhes oferece, num momento dado, as condições favoráveis, sem as quais podem viver e morrer inteiramente desconhecidos.

O criminoso inferior, brutal, denuncia o sonho de grandeza no desejo de ver seu retrato nos jornais e a minuciosa descrição de sua vida. É gabarola, de uma infantil, invencível vaidade. É o degenerado inferior, neurótico da pior espécie. Um dia levanta-se de mau humor, com tédio da vida, aborrecido de si e do mundo que o rodeia, e só espera o primeiro pretexto, seja o mais fútil, para matar e destruir numa raiva cega tudo o que lhe chega ao alcance. No Prado de corridas, em S. Paulo, um soldado de polícia deu um exemplo, há tempos, do que ora acabamos de dizer.

Sobre esse assunto nos deixou Dostoiewski inesquecíveis páginas de psicologia mórbida, páginas que não foram inventadas, mas sim vividas.

Que diferença entre o criminoso e o poeta, o fino artista, sobre o qual agem fortemente a educação e o meio social! O poeta, no perene anseio que denuncia a carência de amor, luta com toda a alma para transformar o supremo desprezo em supremo bem — amor ao próximo. Ele ensina a amar quando mostra aos outros o caminho que ele próprio se desespera por querer seguir. Acode-o nesse desespero a fantasia, a imaginação, esse dom inestimável com que ele transforma um urubu em águia. Satisfaz assim por momentos a exigência afetiva de sua alma insaciável. Conserva-se no sonho que para o poeta é tudo; é o seu reino, onde ele é Deus e senhor supremo. A obra do artista, principalmente do poeta e do romancista, muita vez, não é mais que uma vingança contra tudo o que eles odeiam e desprezam, reconhecendo, entretanto, sua impotência para modificar a ordem das coisas no seu meio social.

Edgar Poe, na sua "Eleonora", deixou esta frase: "Os homens me chamaram louco, mas a ciência não nos disse ainda se a loucura é ou não o sublime da inteligência. Os que sonham acordados vêem mil coisas que escapam aos que só sonham dormindo. Nas suas visões brumosas eles avistam pedaços do céu e estremecem ao despertar vendo que estiveram por instantes à beira do grande segredo..."

Não tenho necessidade de documentar aqui a existência do neurotismo e, às vezes, do instinto criminoso dos grandes artistas e poetas. O livro de Paul de Saint Victor "*Hommes et Dieux*", bem como o do Lombroso "*O Homem de Gênio*", são mais ricos e instrutivos do que todos os exemplos que eu pudesse apresentar.

Stekel, depois de analisar os sonhos dos poetas e dos neuróticos chega às conclusões que aqui vão resumidas.

A sensação de voar é freqüente em sonho de poeta (quando dorme...); as cenas de crimes também não são raras. O amor, porém, nunca entra nesses sonhos. As proezas de G. d'Annunzio, durante a guerra, como que servem de documento à afirmação de Stekel, escrita antes desse tempo.

O poeta, o criminoso e o neurótico revelam os seguintes traços comuns:

O egoísmo desmedido; a incapacidade de amar, que eles sentem dolorosamente como inferioridade; o sonho de grandeza que Stekel chama de grande missão histórica; desprezo à moral, às leis, à religião, sem embargo do profundo misticismo e da manifesta religiosidade que nunca os deixa.

Stekel parece ter tomado Nietzsche para modelo de sua síntese. Zarathustra é o filósofo, poeta e reformador que melhor encarna esses atributos, com excepcional destaque, porque nêle tudo isso se intelectualiza e se exprime com clareza, ao passo que na generalidade esses traços de caráter pertencem ao vasto domínio de nossa vida subconsciente. Essa categoria de estados psíquicos não chega a transpor o limiar da consciência; mas de si mesmo, do inconsciente e subconsciente, tem ação sobre toda a vida psíquica.

O homem de vida fortemente instintiva só tem, pois, três possibilidades a seguir na existência: a "arte", no sentido geral; o "crime", quando não lhe é dado derivar a atividade para a arte; finalmente, quando não se pode expandir na arte nem no crime, aparece a "neurose", a angústia, que é uma "dúvida eterna".

As trajetórias diversas explicam-se pela diferença da capacidade mental, como também pela ação do meio, da educação, que é diversa sobre cada um deles.

Quando se põe em paralelo o criminoso com o poeta e o neurótico, entenda-se o criminoso de ocasião, o que revela acentuada afetividade. O criminoso nato, esse caracteriza-se pela sua vida afetiva quase nula; não tem noção alguma de amor; não manifesta temor nem consciência. Consciência é a soma das inibições que se intrometem entre os pensamentos, os desejos e os atos. O poeta e o neurótico revelam excesso de consciência. A luta

do criminoso se realiza diretamente entre os seus instintos, com que êle se identifica, e a sociedade. Falta-lhe o reostato da consciência. O conflito do poeta se dá entre os instintos atávicos e as inibições de natureza ética. O poeta e o neurótico têm a vida afetiva exagerada, sofrem ambos perturbações afetivas. O criminoso nato tem um defeito, uma lacuna afetiva; é um indiferente.

Todos êles, porém, têm alguma coisa de "associal"; o seu instinto destruidor tem muita semelhança com o da criança. Também, como a criança, têm íntimo parentesco com o mentiroso. Nietzsche disse: o poeta é irmão de leite do mentiroso, ao qual êle usurpou todo o leite.

Os poetas e neuróticos têm os característicos do criminoso: crueldade, ousadia, acessos de fúria, desconfiança, inveja, ciúme e infinito descontentamento com a sua sorte.

Alfredo Adler, da escola de Freud, mas um tanto dissidente, pensa que a fenomenologia da neurose é um conjunto de manifestações do "ego", subjetivamente exagerado, como supercompensação da própria inferioridade orgânica que protesta contra o poder do mundo da realidade por meio de reações ilusórias, que são guardas do sentimento de segurança pessoal e de onipotência. É a pura verdade.

Honório Delgado, do Peru, fazendo a apologia e uma exposição da psicanálise, diz no seu trabalho: "As manifestações neuróticas são a cena resultante de um conflito entre os desejos que lutam pela sua realização e a ação da consciência que trata de os reprimir por serem opostos aos princípios da moral."

O neurótico é um criminoso sem ânimo para delinquir; é um covarde que range os dentes sob o peso dos deveres. Sua moléstia é um meio de desviar-se dos deveres; sente-se rebelado contra o imperativo social do dever, contra a compressão do dever; sofre o peso da consciência como se fôsse de qualquer moléstia; torna-se hipermoral. Êle renuncia à sua personalidade a favor da sociedade, mas só de medo diante dos castigos da terra e... do céu. Em virtude da lei de bipolaridade do espírito, êle se sente inferior, incompleto; queixa-se de suas más qualidades, mas ao lado disso sente-se também superior aos outros, aos seus conhecidos; não suporta censura, aprecia imensamente o louvor; não conhece meio termo. Quem não o ama é inimigo.

Tudo isso existe no poeta. Êste, porém, livra-se de todo o mal pela sua arte. Vence na sua pessoa o neurótico e o criminoso. Tem a fina consciência do homem civilizado; reage ao menor desvio com a consciência de culpa; sua consciência é hipersensível. Vaidoso, desejaria ser único. Na aparência êle trabalha e

produz obras de arte para si só; na realidade as produz para os outros, para obter sucesso. Sua vontade de domínio ("Wille zur Macht") obtém sucesso à força. Quanto mais se eleva, mais tem o prazer de ver curvadas, embaixo, as massas populares; força assim o coração dos leitores e apreciadores. A escola de Freud sustenta mesmo que a obtenção de sucesso, de poder, de força, reverte sempre, consciente ou inconscientemente, em satisfação do instinto sexual. Compreende-se bem isso quando se consegue penetrar no âmago da doutrina pan-sexualista dessa escola, coisa que não é fácil. A vontade de domínio é, antes, desejo de amor; anseio de domínio é o desejo de ser amado por todos, amado sem limites. O amor é uma submissão. Pela lei da bipolaridade, corresponde a essa vontade de domínio a vontade de submissão. No poeta lírico se vê a adoração exagerada da mulher; na poetisa, a adoração do homem. Como o criminoso, o poeta quer publicidade, quer que se ocupem d'ele; sente-se infeliz, não compreendido, se não falam, se não escrevem sobre sua pessoa. Ciumento, é pequenino quando julga a capacidade de um concorrente. Goethe passou uma noite inteira sem dormir, só porque soube de uma manifestação e "marche aux flambeaux" preparada a Schiller. Foi preciso, por amor do grande homem, que se não realizasse essa festa ao seu amigo. Se isso se deu com um grande, como Goethe, imagine-se o que não será com os pequenos. Foi por isso que Heine, na sua prosa cheia de poesia ("*Shakespeare Madchen und Frauen*"), aconselhou não se esmiuçasse muito a vida e conduta dos poetas: "Eles aparecem ao mundo no brilho de suas obras e nos ofuscam tanto mais, quanto de mais longe os vemos. São como aquelas graciosas luzes que brilham pomposamente na relva e na folhagem durante as noites de verão e nos fazem pensar que são astros da terra ou esmeraldas e diamantes esquecidos no jardim; que são gôtas de sol perdidas na relva, a cintilar de noite, até que pela manhã o astro rutilante de nôvo se recolha. Ah! Não vos aproximeis daquelas jóias à luz do dia! No lugar delas encontrareis um miserável verme a arrastar-se pelo caminho, e no qual, por compaixão, nem vossos pés quererão tocar."

Será exagerado tudo quanto ficou dito sobre o artista? Não. O que se torna indispensável, porém, é declarar que há exceções; há artistas de vida corretíssima, de caráter puríssimo, e até exemplares chefes de família. Entre nessa exceção quem se julgar com direito.

Voltando, porém, ao motivo que me leva a expor as idéias de Stekel sobre os artistas, os neuróticos e certas espécies de crimi-

nosos, vamos procurar a origem dos delírios no mesmo terreno em que êle encontrou as raízes do crime e das produções artísticas. Esse terreno é o inconsciente e o subconsciente. Aí se encontra, como sentimento vago, genérico, não somente o resíduo da experiência individual (sua redução emotiva que se vai acumulando desde a infância nesses alicerces da personalidade, mesmo quando se tenham apagado as respectivas representações intelectuais) como também se acham os sentimentos que existiram em gerações passadas.

Os estudos de Abramowski sobre o valor da criptomnésia nas obras de arte confirmam esse modo de ver.

Num elegante artigo sobre as "superstições", lançado por delicada mão de mulher, encontramos um trecho que bem traduz essa intuição: "Temos progredido bastante nas ciências, nas artes e na literatura; mas a humanidade, na sua marcha gloriosa, leva, presos às vestes, farrapos das suas velhas crenças e superstições. Civilizamo-nos... é verdade; mas... guardando nos recantos do cérebro umas tantas crenças velhas, qual se fôssem saudades da nossa ingênua e timorata infância."

São essas velhas crenças e superstições que surgem no foco da consciência do desequilibrado, acompanhando as emoções a que se acham ligadas. A perturbação dos sentimentos é o primeiro sintoma do cérebro enfermo, perturbação que exige explicação. O raciocínio e a lógica enfraquecidos, em vez de repelirem, aceitam as explicações absurdas que as emoções despertam e são corroboradas pelas alucinações e ilusões. Estas resultam, por sua vez, da tensão mórbida dos centros corticais do cérebro e são orientadas pela ideação de acôrdo com o estado afetivo dominante.

O que referimos nesse caso, está bem visto nos delírios organizados em sistema, mais ou menos coerentes, nos quais existe aparência de lógica em turvação de consciência e dissolução da personalidade, como acontece no delírio das infecções e intoxicações agudas.

Que é, em suma, o delírio de grandeza? Desejos absurdos da criatura humana, desejos e idéias que no estado normal são sufocados pela lógica, pelo raciocínio. Nesse estado o indivíduo não perde a noção da realidade; não vive nem age num mundo criado exclusivamente pela sua fantasia. A doença, porém, enfraquece o raciocínio, afrouxa a lógica, e o mundo criado pela imaginação substitui facilmente a realidade sob a influência dos desejos, sentimentos e tendências.

O delírio ambicioso coerente pode coexistir com a inteligência relativamente lúcida. É o característico dos paranóicos. No delírio mais propriamente chamado das grandezas, a decadência da mentalidade é quase sempre muito evidente. É própria dos estados demenciais; caracterizam as idéias de grandeza, nesses casos, futilidade, o absurdo, a incoerência.

O mesmo se não pode dizer do delírio de perseguição, pois este coexiste freqüentemente com aparência de boa lógica. Demais, o delírio persecutório apresenta às vezes a trama tão bem urdida, de acôrdo com atos reais, que a aparência de boa lógica pode por muito tempo iludir os inexperientes.

No delírio de perseguição é o sentimento de medo que se exagera por efeito da afecção cerebral. Tôdas as histórias de potências ocultas, misteriosas, que a imaginação do homem tem criado, e transmitido de geração em geração, através dos séculos, surgem no cérebro que, por efeito originário ou em virtude de um processo mórbido, descai para um estado de inferioridade funcional. Maçons, jesuítas, hipnotizadores, narcotizadores, sócios da mão negra etc., tôdas essas entidades cercadas de mistério, que em certas épocas da história manifestaram poderosa atividade, ainda mais por se exercerem ocultamente, representam hoje preponderante papel na contextura dos delírios de perseguição de caráter crônico. O próprio demônio teve sua época, antes dessas entidades.

O caminhar da ciência vai também concorrendo com os novos meios de ação para êsses agentes hostis: os raios X, a eletricidade, o telégrafo sem fios, os vapôres tóxicos etc. Tudo isso entra em tais casos como explicação necessária das sensações, alucinações e ilusões que atormentam os delirantes crônicos.

Erro inveterado da opinião pública, difícil de ser extirpado, é o de incriminar esta ou aquela religião como causadora de loucura. Não há religião, seja qual fôr, que não contenha elementos para dar pábulo aos delírios dos alienados. Não são as religiões que criam a loucura: são os sectários desequilibrados e degenerados que nelas bebem as idéias e as transformam por meio de seu raciocínio mutilado, de sua lógica defeituosa.

O conteúdo dos delírios, tanto como a quantidade mental, só tem valor secundário na sintomatologia geral psiquiátrica, visto poder variar de indivíduo a indivíduo, para a mesma doença.

O elemento essencial das idéias delirantes não é, pois, o seu conteúdo. Este pode ser um e o mesmo em delírios de natureza mui diversa. As perturbações afetivas, isto é, dos senti-

mentos e, em seguida, a alteração ideativa, são os elementos psicológicos de capital importância na diferenciação dos delírios.

Na psicose maniaco-depressiva, nos tipos mitigados, vê-se muito bem a alteração exclusiva do estado afetivo como sintoma essencial da doença. Aqui é o "tonus" vital, o estado cenestésico, que determina a aparência diversa das diferentes fases da moléstia: ora a depressão, ora a excitação com euforia. A inteligência, nesses casos mitigadíssimos, nem chega a ser lesada.

Outros fatores, muito variáveis de intensidade, se ajuntam a êsses e combinam-se de modos diversos, para formar os diferentes tipos mórbidos que se encontram nas classificações psiquiátricas. As alterações da consciência auto e alopsíquica, as perturbações da atenção, o estado da memória, da vontade, as alucinações e ilusões, as perturbações da sensibilidade geral, tudo isso deve ser analisado depois de se conhecer o estado dos sentimentos e da função ideativa, que são elementos básicos. Por estado dos sentimentos compreendemos o humor predominante e os sentimentos éticos (a afetividade). As alterações ideativas abrangem não só a marcha das idéias como a associação das mesmas no complexo que se chama raciocínio.

A perturbação dos sentimentos, já o dissemos há pouco, é o fato mórbido primordial dos delírios raciocinados, sistemáticos, e temos a prova no delírio chamado "interpretativo", no qual as alucinações, quando aparecem, não têm grande importância. Esse delírio é um tecido de concepções delusórias apoiadas em fatos reais. Tais concepções, incorrigíveis pela lógica e em completo desacôrdo com a realidade das coisas, é que denunciam a anormalidade; fora disso, o paciente parece um homem perfeitamente normal. Por êsse motivo deu-se, durante muito tempo, o nome de delírio "parcial" a essas concepções mórbidas interpretativas. O delírio do ciúme, tão bem apanhado pelo mestre Shakespeare nas suas tragédias, sobretudo em "*Winter's Tale*", é o que melhor se disfarça com as aparências de sanidade.

A ilusão é, em sua essência, um grau mitigado da alucinação (Hoffding), embora de aparência completamente diversa. É forçoso, entretanto, distinguir a ilusão sensorial, fenômeno inevitável no estado normal, da ilusão psíquica ou concepção delusória. Na ilusão faz-se mister um estímulo sôbre os órgãos dos sentidos, estímulo que é levado ao cérebro, onde dá origem à elaboração de idéias que não correspondem à realidade. O raciocínio e o auxílio simultâneo dos diversos órgãos dos sentidos é que nos livram diariamente das ilusões que nos dão nossos órgãos sensoriais isolados. Baste-nos um exemplo banal dos livros de

fisiologia: faça-se cavalgar o dedo médio de uma das mãos sobre o indicador, seu vizinho, de modo a cruzarem-se completamente, e coloque-se entre as extremidades dos mesmos um corpo esférico; faça-se rolar esse pequeno corpo entre as faces opostas dos dedos assim cruzados e ter-se-á fatalmente a sensação nítida de duas esferas entre os dedos, e não a de uma só, que é a realidade.

Eis aí um exemplo de ilusão sensorial, fisiológica.

Melhor exemplo, entretanto, para ilustrar o nosso assunto, é o caso da viúva que, desejando muito casar-se com seu próprio criado, foi tomar conselho na voz do sino. Este dizia claramente, de acôrdo com o que lhe ia na alma: casa-te com êle, casa-te com êle. Casou-se. Depois de ter levado muita pancada e com as idéias mudadas, foi de nôvo ouvir o sino. Viu então que se enganara. O sino dizia claramente: não te cases com tal, não te cases com tal.

Ai está um exemplo de ilusão, mas de origem psíquica.

Assim vemos que o delírio interpretativo está para o delírio alucinatório como a ilusão está para a alucinação. Em essência os delírios são idênticos e nascem do sentimento perturbado.

Sem alucinações, sem ilusões e sem interpretações, existe uma forma de delírio a que alguns autores alemães chamaram "pseudologia fantástica". É o delírio da "imaginação" de Dupré e Logre; é o mesmo delírio de confabulação de Kahlbaum e Hecker. Encontra-se nos degenerados: o barão de Munchhausen é o protótipo dêste gênero de anormais. Também se o encontra na presbiofrenia e em outros estados demenciais. Não se deve, entretanto, esquecer que a pseudologia fantástica pode não ser fenômeno patológico; pode ser a imaginação criadora dos grandes romancistas e dos poetas. Há quem atribua êsse fato a alucinações da memória.

Um exemplo de transição entre o estado normal e o estado de verdadeira e declarada loucura é o já célebre estado de perturbação dos "sentidos e da inteligência" do art. 27 do nosso Código Penal. Célebre sim, pelos abusos que daí se têm originado. A letra do código, pôsto que errada, tem o seu fundamento real no fato de que ora me ocupo.

A perturbação dos sentimentos traz como consequência a perturbação da inteligência. Turva-se a consciência, que é o reos-tato indispensável entre o pensamento e os atos; êstes voltam a uma fase primitiva da evolução humana: tornam-se instintivos. O instinto de agressão, que existe sempre ao lado do instinto de conservação, se revela em tôda a plenitude; sua energia de-

pende muito, está claro, do caráter e temperamento do indivíduo.

De grande importância sob o ponto de vista social é também o chamado delírio das multidões, isto é, o delírio comunicado ou loucura por indução. As ficções que invadem as sociedades e se difundem por tôdas as camadas do meio social, como na recente conflagração mundial, são exemplos de explosões aparentemente súbitas de loucura coletiva. Na realidade, porém, resultam elas da lenta infiltração de idéias de alguns homens notáveis, como von Treitschke, Nietzsche e outros, idéias consoante os sentimentos e tendências dos povos que as recebem. Propagandistas de primeira ordem, como von Bernhardi e outros, incumbem-se de espalhar a semente na terra, onde fica à espera do momento propício para então brotar com tôda a pujança, e dar os terríveis frutos, dêsses que ora estamos vendo.

A loucura das multidões mostra bem a necessidade imprescindível da alteração dos sentimentos como base do delírio. As turbas não raciocinam; são empolgadas pelo sentimento que se generaliza num momento dado e as envolve numa mesma atmosfera afetiva.

Um rudimento de loucura coletiva deu-se, há bem pouco tempo, em S. Luís do Paraitinga, onde a epidemia religiosa foi jugulada no nascedouro pelo bom senso do govêrno. Foram elementos iniciais uma histérica com crises catalépticas e uma boa dose de embusteirice ao redor dêsse fenômeno; o resto coube ao misticismo (à sêde de milagres) que existe sempre em certas camadas da sociedade. Não tomasse o govêrno tão importantes medidas e a epidemia seguiria seu curso, como tantas outras já registradas entre nós, no Rio Grande do Sul, na Bahia, em Taubaté etc.

O estreitamento do tempo obriga-me a passar a outro assunto; recomendo-vos, entretanto, os livros de Sighele e de G. Le Bon sôbre a psicologia das turbas.

Preciso ainda mencionar aqui o chamado delírio dos atos. É uma denominação imprópria, porquanto êsse delírio dos atos é o que nós chamamos "impulsões". Esta última denominação é a que se deve conservar. As impulsões geralmente se apresentam como consequência de uma idéia ou, pelo menos, de uma obsessão. Mesmo a impulsão cega, automática e violenta, aparece como movimento de defesa.

Sob um ponto de vista geral, os delírios podem, pois, se dividir em difusos, sistemáticos, absurdos, verossímeis, coerentes e desconexos.

Os delírios podem apresentar como conteúdo: o ciúme, idéias de perseguição, de grandeza, de enormidade, de negação, de ruína, de auto-acusação, idéias hipocondríacas, místicas, eróticas, de transformação corpórea ou delírio metabólico.

Na clínica essas idéias raramente se encontram isoladas; com frequência, porém, se conjugam e mutuamente se reforçam, na contextura dos delírios.

Terminamos aqui o cavaco inicial, para que não seja classificado como cavaco de peroba.